

7.

MAIO · 2021

*Ponte de Lima:
do passado ao presente,
rumo ao futuro!*





FIGURA 1.

Vista de Ponte de Lima, 2019.

FONTE · Celestino Lores

PONTE DE LIMA NO CAMINHO DE SANTIAGO

SAINT JAMES WAY IN PONTE DE LIMA

O artigo *Ponte de Lima no Caminho de Santiago*, pretende percorrer e registar a História do Caminho Português na sua passagem pela vila de Ponte de Lima desde o seu início como rota romana, logo rota de comunicação e, uma vez descoberto o túmulo do Apóstolo Santiago, rota de peregrinação, relatando episódios históricos relacionados com Ponte de Lima, Galiza e o Caminho. Ao mesmo tempo descrevem-se alguns monumentos simbólicos de Ponte de Lima que podem ser de interesse para o peregrino. Também se realça a boa cooperação e sintonia existente entre a Asociación de Amigos del Camino Português e Ponte de Lima através das várias atividades que anualmente se realizam nesta vila. Finalmente, descrevem-se relatos de peregrinos que deixaram registos escritos da sua passagem por Ponte de Lima, assim como o testemunho pessoal da peregrinação realizada pelo autor deste artigo no ano de 1996 e o reflexo do sentimento da sua profunda amizade e carinho pela “Vila mais antiga de Portugal”.

The article Saint James Way in Ponte de Lima aims to collect the History of the Portuguese Way as it traverses the town of Ponte de Lima, from its origins as a Roman road, evolving into a communication road and becoming, once the tomb of the Apostle Santiago was discovered, a pilgrimage way, relating historical episodes that are linked to Ponte de Lima, Galicia and the Way. At the same time, some significant monuments of Ponte de Lima that might be of interest to the pilgrim are also reviewed. The harmony between the Asociación de Amigos del Camino Português and Ponte de Lima is evidenced by the activities that are carried out each year in this city.

Finally, accounts of pilgrims who left a written record of their passage through Ponte de Lima are also described, as well as a personal account of the pilgrimage carried out by the author of the article in 1996 and a reflection on his deep friendship and affection towards “a vila mais Antiga de Portugal”.

CAMINHO PORTUGUÊS DE SANTIAGO,
ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DO CAMINHO
PORTUGUÊS, GALIZA, PONTE DE LIMA

PORTUGUESE WAY OF SANTIAGO,
ASSOCIATION OF FRIENDS OF THE
PORTUGUESE WAY, GALIZA, PONTE DE LIMA

CELESTINO LORES ROSAL^[1]

Quando, através da Câmara de Ponte de Lima e por solicitação do Exmo. Presidente Eng. Vitor Mendes, me foi solicitado que escrevesse um artigo para a revista “Ponte de Lima: do passado ao presente, rumo ao futuro”, dedicado exclusivamente ao Caminho de Santiago, aceitei o convite sem duvidar sequer um instante, porque são muitos os laços que me unem a Ponte de Lima e ao seu Presidente, ao ponto de o Sr. Victor Mendes ter mencionado publicamente, em várias ocasiões que “O Celestino é um amigo de Ponte de Lima”, facto que agradeço e agradeço infinitamente, por ser um sentimento recíproco. Sempre senti um carinho especial por esta terra portuguesa. Portugal, para mim, é mais que um país irmão, é um país em que quase me defino como um nativo, tenho por hábito dizer entre os meus amigos e pessoas mais chegadas que “O meu país de nascimento é do Porto para cima”. O que demonstra a minha perfeita integração na idiossincrasia portuguesa. Os portugueses sentem um grande amor pela sua terra, pela sua história, pela sua cultura, mas se há um fator que os distingue é a sua especial educação, como demonstra a expressão “com licença”, usando-a em quase tudo, para entrar numa casa, para passar num passeio ocupado ou para pedir a palavra. Muitas vezes afirmei que em Portugal estou como em minha casa,

sendo um país que estimo e em que me sinto querido.

Ainda que a minha relação com Portugal venha de jovem, há um facto curioso que saliente, que na primeira vez que pisei o solo luso foi no Ano Santo de 1965, quando com um grupo de jovens pontevedrenses fizemos uma peregrinação a pé a Santiago de Compostela saindo de Valença do Minho e daí chamar-lhe então Caminho Português.

Logo viriam então as viagens a Lisboa, Porto, Viana do Castelo, Barcelos, etc., mas sem dúvida alguma a minha grande vinculação a Portugal é através do Caminho Português de Santiago.

Renovei este vínculo precisamente em agosto de 1996, quando fiz a peregrinação com o meu filho, desde o Porto a Santiago, seguindo quase a mesma rota que fazem os peregrinos de hoje. Foi assim que conheci “A Vila Mais Antiga de Portugal”, vila a que fiquei unido para sempre através do Caminho de Santiago.

Ponte de Lima, “Terra Rica de Humanidade”, é a nobre e bela vila natal do cardeal Saraiva e do escritor e poeta António Feijó, a que ela cantou:

*“Por toda a parte onde andei
Terra mais linda nunca encontrei”*

A sua história está ligada ao Rio Lima, “Lethes, flúmen oblivionis”, e à sua Ponte medieval, a mais bonita de Portugal, originalmente romana, que dá nome à localidade e que constitui uma das obras mais representativas do

[1] Presidente da Fundação Caminho de Santiago

FIGURA 2 E 3.

Exposição Caminhos 2020.

FONTE · Fotos Arquivo Amigas e Amigos do Camiño

Caminho Português a Santiago. O rio Lima, o rio do esquecimento (Lethes), assim chamado pelos romanos dado que, como conta a lenda, provocava uma perda de memória a quem ousasse atravessá-lo. Quando chegaram as legiões romanas não se atreveram a cruzá-lo, temerosos de sofrer a maldição do esquecimento. Teve de ser o seu general Décimo Juno Bruto, arrebatando o estandarte ao alto, que o atravessou a cavalo e foi chamando, desde a outra margem, cada um dos seus oficiais, ultrapassando assim a maldição e fazer com que as legiões cruzassem o rio. Esta memória está simbolizada nas figuras dos romanos no lado sul do rio e da margem norte a figura de Décimo Bruto em cima do seu cavalo.

Ponte de Lima é a vila mais antiga de Portugal, por carta foral outorgada por D. Teresa de León, a 4 de março de 1125. “Faço Vila este lugar de Ponte”. A terra de Ponte era o nome com que se designava a vila medieval. Na Carta Foral são definidos os limites do território e faz-se referencia histórica à feira, que se continua a celebrar na primeira e terceira segunda-feira de cada mês sob a proteção da Rainha a todos que aí viessem. O Concelho de Ponte de Lima celebra o dia 4 de março como o dia de Ponte de Lima. Os festejos do passado ano de 2020, uns dias antes de início da terrível Pandemia que nos invade, teve como convidada de honra a Senhora ministra da Coesão Territorial, Ana Maria Pereira Abrunhosa. O programa

também incluía a inauguração da Exposição “Caminhos: O Caminho, a Arte e a Gastronomia”, na Torre da Cadeia Velha, promovida pela Associação de Amigas e Amigos do Camino Português a Santiago de Pontevedra.

A vila esteve rodeada por uma muralha com nove torres e seis portas, sendo que atualmente se conserva apenas uma pequena parte dela e duas torres. O Paço do Marquês, Senhor da Vila e Primeiro Visconde de Portugal, liga o seu solar às muralhas. Este palácio, construído

sobre uma das portas da vila, que desde então se chamou “a porta do palácio visconde”, é um belo edifício do séc. XVI. A fachada, leve e elegante está ladeada por duas torres quadradas entrelaçadas com ameias, constituída por uma soberba porta e duas grandes janelas manuelinas.

O peregrino aproxima-se à maravilhosa ponte romana que o levará ao Albergue, inaugurado em 2009, entre quintas e palacetes das casas de torna-viagem (casas de quem regressava do Brasil) e



que fazem lembrar as que na Galiza chamamos de indianos (casas dos galegos regressados de Cuba), solares de considerável valor patrimonial, decorados com azulejos hispano-árabes, igrejas como a Matriz, o Pelourinho, a Praça de Camões com o seu Chafariz, semelhante ao de Pontevedra, a Avenida dos Plátanos, entrada do Caminho de Santiago e as ruas encantadoras com o rio Lima à sua esquerda.

A ponte pode datar-se da época imperial romana e até meados do

século passado era passagem obrigatória para todas as comunicações entre o Norte de Portugal e a Galiza.

Durante o reinado de D. Pedro I, no séc. XIV, procedeu-se à sua reconstrução que é como essencialmente se conserva atualmente. Consta de 15 arcos ogivais com fortes talhamares que se acrescentam aos pilares da ponte de ambos os lados, como corresponde à clássica construção das pontes medievais. Na margem norte encontra-se, sobre terreno seco, a

“

(...) e que fazem lembrar as que na Galiza chamamos de indianos (casas dos galegos regressados de Cuba), solares de considerável valor patrimonial, decorados com azulejos hispano-árabes, igrejas como a Matriz, o Pelourinho, a Praça de Camões com o seu Chafariz, semelhante ao de Pontevedra, a Avenida dos Plátanos, entrada do Caminho de Santiago e as ruas encantadoras com o rio Lima à sua esquerda.

”

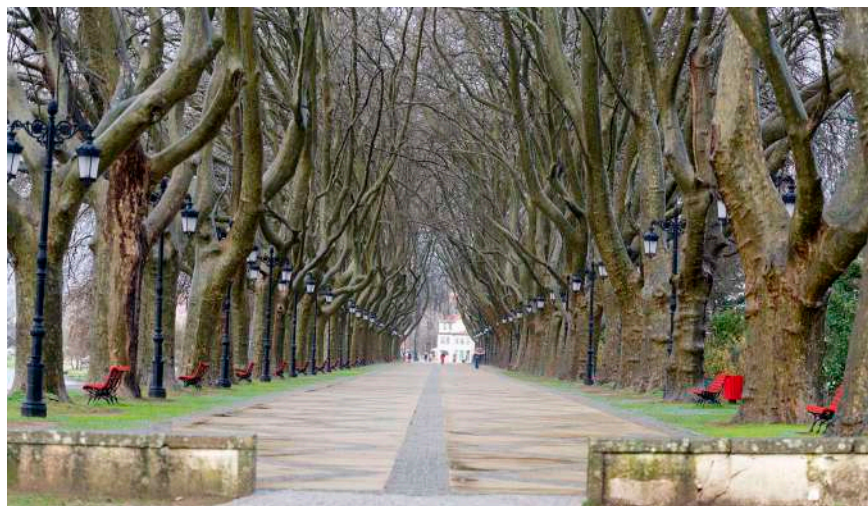


FIGURA 4.

Avenida de los Plátanos.

FIGURA 5.

Albergue de Peregrinos

parte de maior interesse arqueológico, já que os seus cinco arcos de tamanhos diferentes são o melhor exemplo da construção clássica romana revelando uma estrutura de grande qualidade, assente sobre arcos de volta perfeita compostos por silhares de talhe regular, e tabuleiro rampante suave, com a largura de seis metros. Os arcos centrais, com aduelas, nas quais se podem observar orifícios de encaixe para a manipulação das pedras, tal como nas grandes obras públicas romanas do aqueduto de Segóvia, a ponte de Alcántara sobre o rio Tejo em Cáceres e a ponte de Chaves. O peregrino Giovanni Battista Confalonieri em 1594 ao passar pela ponte ficou admirado com seu tamanho, ele aumentou o número de arcos para 40.

Se tiver oportunidade de fazer a peregrinação nos finais do verão, o peregrino não deve esquecer que no segundo fim de semana de setembro são celebradas as festas mais importantes de Ponte de Lima, as famosas Feiras Novas que datam de 1826, nem tão pouco o Festival Internacional de Jardins que decorre entre os meses de maio a outubro.

O Município é atravessado de sul a norte pela Via Romana XIX do itinerário Antonino, a mesma que se continuava a utilizar na época medieval e ainda atualmente, coincidindo em parte, com o caminho de peregrinação a Santiago de Compostela.

Desde que se descobriu na primeira metade do século IX, o túmulo do Apóstolo no monte Libredón,

hoje cidade de Santiago de Compostela, a zona de Portugal entre os rios Minho e Douro constituía uma parte dos reinos cristãos com uma identidade comum à antiga Gallécia romana e Ponte de Lima era passagem obrigatória para todos aqueles que queriam venerar o túmulo apostólico; por esta razão a sua história faz parte da História Compostelana desde que, no ano de 915 Ordoño II doou a Villa Cornelianiana à Igreja de Santiago.

Acontece que, provavelmente, a primeira figura histórica a atravessar Ponte de Lima com destino a Santiago foi o árabe al-Mansur bi-allah, «o que recebe a vitória de Deus», em castelhano o Almanzor, militar e chanceler do califado de Córdoba, que em 997 atacou a cidade de Santiago, incendiou a Basílica, roubou as portas principais e os sinos, transferindo-os para seus palácios cordobeses sobre os ombros de prisioneiros cristãos, segundo a tradição. Os sinos dois séculos e meio depois foram devolvidos a Santiago nos ombros de prisioneiros muçulmanos, portanto, os motivos que levaram a visita do Almanzor a Santiago não foram definitivamente piedosos.

Seria a partir de 1097 com a peregrinação de Henrique de Borgonha, (pai do primeiro Rei de Portugal D. Afonso Henriques), primeiro Conde do Condado Portucalense, casado com D. Teresa de León, já aqui mencionada, quando começaram as peregrinações, ainda que, como é natural, haveria muitos peregrinos anónimos que visitavam Santiago e que

obrigatoriamente atravessavam Ponte de Lima, no entanto sem que tenham deixado relato das suas peregrinações.

No ano 1150 o geógrafo árabe Al-Idrissi, traça dois caminhos até Compostela, um por mar e outro por terra, este último saindo de Coimbra passando por Viseu, Braga, Ponte de Lima, Tui até Santiago. Em dezembro de 1102, o Arcebispo Gelmirez, passou por Ponte de Lima até Braga, no decorrer de uma aparentemente inocente visita pastoral às propriedades que a Igreja Compostelana teria na zona Norte de Portugal, apoderando-se de um importante número de relíquias, despojando assim aquelas terras dos seus celestiais protetores. O sucedido, qualificado de «roubo» por alguns autores portugueses, aparece definido no entanto por “Pío latrocínio” no cap. I, 15 da História Compostelana. Os factos são narrados por Hugo, cônego da catedral compostelana, indicando que don Diego e o seu séquito, depois da visita a várias igrejas de Braga, iniciaram presurosos o trajeto que os levaria de volta a Compostela com as relíquias de S. Frutuoso, S. Silvestre, Santa Susana e S. Cucufate. Avançando por velhos e tortuosos caminhos o cortejo ia-se distanciando cada vez mais de Braga. Horas depois do início da viagem de regresso, a comitiva paraou na vila denominada Villa Cornelianiana (Correlhã, atualmente). Foi neste lugar que don Diego, longe de estar sossegado, começou a sentir a pressão de saber que entre as pessoas de Braga teria come-

çado e alastrado o rumor do roubo das relíquias daqueles mártires. Assim, com medo de perder os venerados restos, don Diego confiaria ao cônego da sua igreja a custódia e a condução dos mesmos até à cidade de Tui, ao mesmo tempo que ele se atrasaria para que não fosse detido, ou as relíquias fossem encontradas.

A tradição também indica que por aqui passaria S. Francisco de Assis para fundar o primeiro convento franciscano de Portugal em Bragança (1214). S. Francisco terá passado por Ponte de Lima, Braga e Guimarães e voltaria por Bragança.

Durante a Idade Média foram muitos os peregrinos que preferencialmente utilizaram a Via Romana XIX para visitar o túmulo do Apóstolo, pelo que poderemos dizer que foi este, durante muitos anos, o Caminho Português a Santiago.

Nicola Albani, peregrino napolitano, deixou constante do seu livro de peregrinação: “Viagem de Nápoles a Santiago da Galiza”, relata um êxito que lhe aconteceu na manhã do dia 18 de dezembro de 1743, durante a viagem de Santiago a Lisboa, quando saindo de Valença até Ponte de Lima foi assaltado por um homem que o queria roubar. Depois de o informar que era um peregrino e que não levava dinheiro, o ladrão desembainhou a espada e tentou matá-lo. Então, Nicola ouviu a voz do seu protetor, o Apóstolo Santiago que dizia “*Oh Nicola, oh Nicola, combate com ânimo generoso com este for-*

te e milagroso bordão, que sairás desta vencedor”, e assim sucedeu que os dois lutaram, o ladrão com a espada e o peregrino com o seu bordão; Nicola foi ferido na cabeça e na sua mão mas, invocando o nome de Santiago, desferiu ao ladrão um fortíssimo golpe no meio do peito e vários golpes mais, até que conseguiu matá-lo. “*Assim sem me demorar mais por este lugar, apanhei a descida da montanha até Ponte de Lima. Mas quero explicar-vos e dizer que entre o tempo em que estivemos a falar e o combate, passou cerca um quarto de hora no total, devemos portanto considerar que isto foi um milagre de Deus Omnipotente e do meu protetor, o Apóstolo Santiago porque eu deveria ter morrido ali; porque como é possível que um homem hábil e armado, com a espada desembainhada, seja morto por um simples peregrino com ou bordão, ainda por cima, com todo o equipamento que o peregrino carrega, dificulta e impede os livres movimentos. E sim, no entanto é verdade, oh leitor, que o vosso servo Albani jamais disse uma mentira na sua viagem Entretanto, às 11 horas da noite cheguei a Ponte de Lima*”. Nicola Albani foi a uma pequena pousada onde conheceu a proprietária “*uma senhora santa muito gentil que, vendo-me pálido e ferido na cabeça e na mão direita, e também sem bordão, me perguntou o que havia acontecido comigo ... e tratou-me com uma espécie de banho de licor destilado ... isso é realmente uma coisa*

sagrada”. Albani, por insistência da senhora, contou-lhe a verdade sobre o ocorrido, implorando que ela não contasse a ninguém. A senhora considerou que o mais prudente era levá-lo à presença do governador, que lhe devia contar o que se passara, com a ajuda de um homem de Ponte de Lima que falava muito bem italiano porque tinha vivido em Nápoles. No final, o governador concedeu-lhe a liberdade e deixou-o voltar para a pousada. Quando ele estava jantando, o homem que o ajudava veio e deu-lhe um abraço e disse “*... amigo peregrino e filho amado, você deve saber que se não for embora agora você é um homem morto ... ele tem parentes ruins que seriam capazes de matá-lo, mesmo se você estivesse na Igreja. Então, eu peço-lhe que você vá embora antes do nascer de um novo dia*”. Nicola acreditou no homem e impôs-lhe duas condições para ir embora, que alguém o acompanhasse porque era noite e ele não sabia o caminho e que explicasse à senhora da casa porque tinha que ir embora já que tinha se comportado muito bem com ele, coisas que o bom limiano aceitou. “*Assim, em segredo, saímos de casa pela portinha por volta das quatro da manhã e lá encontramos um homem que era o criado do cavaleiro; Saímos da vila muito em silêncio, ali paramos e ele mandou seu criado cuidar de mim; Ele benzeu-me e abraçou-me de coração e disse-me para rezar a Deus por ele, que ele o faria por mim para que me*

“

Quero contar-lhe, querido leitor, que Pontevedra, a minha cidade, e Ponte de Lima têm muitas coisas em comum: As duas são de origem romana, as duas tiveram pontes romanas, as duas devem o seu nome à sua ponte e as duas fazem parte do Caminho Português de Santiago (...)

”

proporcionasse uma boa viagem, e também me deu um cruzado, para que quando chegasse a Viana, faria um novo bordão”.

Outros peregrinos que deixaram testemunhos da sua passagem por Ponte de Lima foram: León de Rosmihal em 1466, Nicolau Poppplau em 1484, Jerónimo Münzer em 1495 ou Confalonieri em 1594. Quero contar-lhe, querido leitor, que Pontevedra, a minha cidade, e Ponte de Lima têm muitas coisas em comum: As duas são de origem romana, as duas tiveram pontes ro-

manas, as duas devem o seu nome à sua ponte e as duas fazem parte do Caminho Português de Santiago e, precisamente um escritor e poeta limiano, o Conde de Aurora escreveu em 1965, em língua portuguesa, um guia sobre o Caminho intitulado “Caminho Português de Santiago de Compostela”, obra que recebeu o prémio Virgem Peregrina, atribuído pela Delegação de Informação e Turismo de Pontevedra e que sem dúvida constitui o primeiro guia do Caminho Português publicado no século XX. No dito guia já



FIGURA 6 E 7.

Exposição Caminhos. Ponte de Lima 2011.

FONTE - Fotos Arquivo Amigas e Amigos do Camiño

o Conde da Aurora falava de dois caminhos que saindo do Porto se dirigiam a Compostela, um por Braga e Ponte de Lima e outro por Viana do Castelo.

Estes meses com as fronteiras fechadas separaram-nos como bons irmãos, que principalmente nas zonas raianas, caminham juntos de mãos dadas. Depois de décadas vivendo um pouco de costas voltadas - sobre tudo Espanha em relação a Portugal – nos últimos anos intensificaram-se as relações em âmbitos culturais, linguístico, comerciais

e profissionais, devido, na minha opinião, a dois acontecimentos importantes em finais do século passado: A abertura de fronteiras e o Caminho de Santiago, neste último caso das relações entre galegos e portugueses intensificaram-se de tal forma que nem galegos nem portugueses nos sentimos estranhos em ambos territórios.

É de esperar que em breve esta situação terrível mude e possamos de novo interrelacionarmo-nos como antes. O futuro que nos aguarda é promissor, o caminho

“

Estes meses com as fronteiras fechadas separaram-nos como bons irmãos, que principalmente nas zonas raianas, caminham juntos de mãos dadas.

”



FIGURA 8 E 9.

Exposição Caminhos. Ponte de Lima 2011.

FONTE · Fotos Arquivo Amigas e Amigos do Camiño

une-nos e o Norte de Portugal e a Galiza têm de o percorrer juntos. Pensemos que o crescimento que o Caminho Português de Santiago registou, de forma espetacular, em parte se deve à forma como acolhemos os peregrinos, à atenção que lhes damos e ao trabalho conjunto levado a cabo por Associações de Amigos do Caminho e pelos Municípios, por isso não podemos abandonar a nossa missão e seguir sempre em frente com a ajuda do nosso Patrono Santiago. Para terminar este artigo deixo o relato da peregrinação realizada no ano de 1996 com a companhia do meu filho e a nossa passagem pelo Município de Ponte de Lima.

22 de agosto de 1996

.....O céu está a encobrir-se e ameaça chuva não tendo nada a ver com aquele esplendido amanhecer de Barcelos. Passamos por uma zona de casas boas e bonitas, algumas com decorações excessivas, como é o caso de uma com águias imperiais em gesso, na entrada principal, com um jardim e um cruzeiro no meio. Vemos à direita da estrada uma capelinha dedicada à Virgem de Fátima com a envolvente ajardinada e muito bem cuidada, destacando ao centro uma bonita oliveira. Temos que mencionar que a conservação das capelas e dos espaços circundantes é admirável, o que demonstra uma vez mais o grau de religiosidade deste povo. Chegamos à placa que sinaliza o Con-

celho de Ponte de Lima, deixando para trás o Concelho de Barcelos. Curiosamente começamos a ver matrículas de carros espanhóis, concretamente de Pontevedra e Ourense. Cruzamento com a estrada de Vitorino de Piães e um pouco mais à frente aparece uma capela dedicada a São Sebastião. É importante a devoção que existe a este santo, em Portugal. À direita vê-se a Igreja matriz de Vitorino de Piães, nesta aldeia há posto médico, centro paroquial, uma fonte, é dizer, goza de todos os serviços. Paramos para descansar com o Sr. Sousa, tomamos um cafezinho e aproveitamos para pedir a receita do chamado “bolo caseiro” e da carne da “salgadeira”. Finalizado este pequeno e necessário descanso, retomamos a caminhada, caminho da Facha, saudamos em português com “Bom dia”, as pessoas com quem nos cruzamos, as quais amavelmente nos respondem. Começam a doer as pernas, entretanto aguenta-se, além disso vamos muito bem de tempo. O meu companheiro comenta que a etapa se faz bem porque o cansaço, todavia não é muito e vai-nos permitir andar as três horas aproximadas que acreditamos nos levará a chegar até Ponte de Lima. Começam a cair as primeiras gotas de chuva e tiramos os impermeáveis da mochila. Chegamos ao alto da Albergaria e começamos a descida até encontrar o cruzamento que nos levará à “estrada velha”, o Caminho de Santiago. Uma placa de Facha com uma seta pintada indica-nos que viremos à

esquerda por um caminho velho, no meio do monte e a descer, nós continuamos a pintar setas amarelas. A chuva intensifica-se e obriga-nos a vestir os impermeáveis. O caminho, no monte, com muros em alvenaria de ambos os lados e com pedras cobertas de musgo que lhes dão um aspeto de grande beleza. Estamos perante um caminho de traça antiga, se bem com pouca utilização. Grande abundância de carvalhos acompanha este caminho de andar fácil. O peregrino agradece este tipo de caminhos, já que se anda muito melhor que por estrada. Chegados à parte baixa encontramos um tanque de água para os animais e rega. Observamos todo o vale da Facha que é realmente de uma extraordinária beleza e que evidentemente atravessaremos. Aparecem as primeiras casas do vale, casas rurais com campos de cultivo e oliveiras. O caminho empedrado com pedras pequenas que o conserva. Casas e vinhedos que se deixam ver pelo caminho fora que agora se nota que é utilizado pelos habitantes locais. Caminho mais estreito, mas muito bem definido, ouve-se o ladrar dos cães que existem em qualquer casa rural que se preze. Encontramos uma estrada asfaltada deixando à esquerda a encosta do monte. Todo este troço do caminho fazemos pela “estrada velha”, que é como devemos perguntar e designar em Portugal para encontrar os caminhos antigos. De novo uma capela dedicada a S. Sebastião. Ao lado desta capela que está aberta, sem nada

lá dentro, existe um jardim com animais em pedra. Existem outros parecidos ao longo do caminho. Continua a chover o que nos impede de virar a vista para a nossa direita e contemplar a majestosidade da Igreja Matriz da Facha e da Casas das Torres, do século XVIII, expoente da arquitetura barroca portuguesa do Norte, com a planta em forma de U, a fachada virada para o vale, casa esta, hoje dedicada ao Turismo Rural. As duas edificações destacam-se e “presidem” em todo o

vale. Pelo caminho encontramos um cruzeiro com a figura de Cristo inserida. Mais a diante uma capela em honra de Santo António e outro cruzeiro. Entramos no lugar de Seara, com uma quinta, Quinta da Seara em reconstrução.

No final do caminho, uma pequena descida conduz-nos à estrada nacional que vem de Viana do Castelo, viramos à direita e caminhamos uns 50 metros para atravessar e seguir por um caminho, entre a folhagem as vinhas que cobrem o velho caminho que



FIGURA 10.

Capela de S. Sebastião, 1996.

FONTE · Foto Celestino Lores

FIGURA 11.

Nossa Senhora das Neves, 1996.

FONTE · Foto Celestino Lores

“

Por este caminho chegamos ao lugar da Correlhã onde somos surpreendidos por um local bonito, aprazível, com ponte medieval de um só arco, junto a uma capela, muito bem conservada, dedicada a Nossa Senhora das Neves.

”

ligava Barcelos a Ponte de Lima. De notar a importância que este caminho devia ter, antes da estrada nacional existir. Hoje podemos dizer que somente é utilizado pelos habitantes locais e pelos peregrinos que se dirigem a Compostela. Por este caminho chegamos ao lugar da Correlhã onde somos surpreendidos por um local bonito, aprazível, com ponte medieval de um só arco, junto a uma capela, muito bem conservada, dedicada a Nossa Senhora das Neves. O lugar está todo engalanado com

arcos e flores, decoração tipicamente portuguesa, pois poucos dias antes se tinha celebrado a romaria em honra desta Virgem. O nosso caminhar é cansado, o ritmo baixou significativamente, facto evidente por termos sido ultrapassados por um senhor de idade que também se dirigia a Ponte de Lima. O Caminho leva-nos até à Capela da Senhora da Guia, depois de passar por baixo da ponte nova, para entrar majestosamente na Alameda de Ponte de Lima, coberta pelos seus frondosos plátanos.



FIGURA 12.

Nossa Senhora da Guia, 1996.

FONTE · Foto Celestino Lores

FIGURA 13.

Ponte de Lima 1996.

FONTE · Foto Celestino Lores

É uma hora da tarde e damos por finalizada a etapa, não sem deixar de registrar que se nos acabou a fita do gravador, a tinta amarela e o rolo de fotografias. Continuava a chover e foi graças ao Sr. Sousa que conseguimos apanhar a camioneta e ir carimbar as nossas credenciais no posto da Polícia. A caminho da Delegação da Polícia pudemos ler uma poesia escrita sobre uma parede de azulejo, em homenagem a António Feijó, poeta da terra (1859-1917), de cujo texto transcrevemos um fragmento:

*Nasci à beira do rio Lima,
Rio Saudoso, todo cristal;
Daí a angustia que me vitima,
Daí deriva todo o meu mal.*

23 de agosto de 1996

Saímos pela alameda de Ponte de Lima. A estas horas da manhã ainda as pessoas da cidade descansam, não há ninguém na rua. O céu está encoberto, mas pensamos que hoje não vai chover. Antes de atravessarmos a ponte romana, fazemos uma fotografia em frente à fonte que é muito semelhante à da Ferrería de Pontevedra, isto é dizer que são muito típicos os chafarizes portugueses. Incrições no início da ponte indicam a data da sua última remodelação no ano de 1989, que consistiu na reposição do pavimento primitivo. A verdade é que a ponte está muito bem preservada, com o pavimento em pedra em perfeito estado. Ao passar a ponte sobre o rio Lima,

observamos que tem uma água bastante limpa e apesar de ser um grande rio que passa por muitas povoações, indica, ao mesmo tempo, que nesta zona não existem descargas poluentes. Passada a ponte, viramos à direita perto da Capela do Anjo da Guarda, século XIII, estilo românico. Duas alminhas à saída da ponte voltam a recordar como são abundantes estas construções populares, nesta região portuguesa.

Continuando, um troço de estrada asfaltada paralelo ao rio Lima e um pequeno parque com mesas de pedra e lidíssimos plátanos que lhes dão sombra, a praia fluvial na margem do rio completa este bonito local. À esquerda a horta de uma quinta não muito cuidada. Vinhas de ambos os lados do caminho. Virámos seguindo a indicação da “Quinta do Arquinho”, por um caminho de terra, com vegetação abundante.

Afirmamos que desde Ponte de Lima o Caminho está já muito bem sinalizado com as setas amarelas do Caminho de Santiago. A chuva da noite anterior e o orvalho da manhã fizeram com que o terreno esteja molhado, por esta razão as ervas ensopam de água as nossas botas. O troço está com muitas ervas, vegetação abundante e um regato à direita, sentindo-se a esta hora da manhã um cheiro a erva que nos é agradável. Nota-se a pouca utilização deste caminho.

Chegamos a uma zona em que se interrompe o caminho devido a ter-se alteado o terreno para que

passasse a linha do comboio que acabou por não ser feito, mas tendo ficado cortado à mesma o caminho, pelo que temos de subir e descer este pequeno monte para retomar de novo Caminho, o que não deixa de ser perigoso, sobretudo em tempo húmido. Passamos por baixo de um vinhedo e aproveitamos para comer umas uvas porque “já pintam”. Tomamos o velho caminho que está intransitável, forçando-nos a ter de atravessar uma propriedade, ficando à direita uma ponte que deve ter sido construída para a linha do comboio e que vai paralela ao Caminho; uma porta de madeira demonstra que o mesmo dava acesso à propriedade, sendo impraticável. Esta saída de Ponte de Lima é muito lenta porque, como dissemos, há que seguir um pouco à sorte e ultrapassar todos os obstáculos, o que nos faz perder bastante tempo, dando, no entanto, um aspeto de aventura à nossa caminhada.

Chegamos à estrada nacional que atravessamos, seguindo a indicação da “Quinta do Sabadão”. Vemos fitas indicativas do Caminho de Santiago que no mês anterior foram deixadas por peregrinos de Navarra. O troço do Caminho está empedrado e limpo, com um muro médio em alvenaria à direita, que demarca o final da Quinta com vinhas e milho cultivado.

Pergunto ao meu companheiro como vai o cansaço e a contratura da perna, responde-me que de momento está bem, graças aos comprimidos que lhe deram na Santa

Casa de Misericórdia de Barcelos. À direita a entrada brasonada da Quinta de Sabadão que hoje é utilizada como Turismo Rural, muito em voga nesta região. O traçado do caminho em terra e pedra e com abundante vegetação, em muito boas condições, faz com que seja muito bom para caminhar.

Comentamos de novo as condições meteorológicas confiando que não nos chova nem faça muito calor na hora de subir a serra das “Pedras Finas”.

Destaca-se então uma casa com jardim e uma oliveira no meio da quinta. Seguimos em frente e já conseguimos avistar a torre da igreja de Arcozelo que nos serve de guia, pois temos de passar pela frente da sua fachada principal. De novo estamos na estrada perto do local da Junta de Freguesia e do posto de recolha de leite; mulheres com os seus potes discutem no posto. Viramos à direita pela estrada asfaltada para, uns metros mais abaixo, virar de novo à esquerda passando tal como tínhamos previsto pela frente da igreja de Arcozelo.

O nosso aspeto de peregrinos chamou a atenção de duas senhoras que estavam na distribuição do leite, que nos identificaram já que exclamaram !peregrinos para Santiago! coisa que nos agrada e que nós agradecemos com uma saudação cordial, ao que respondem.

A igreja de Arcozelo tem oliveiras que a rodeiam, uma só torre e duas cruces de pedra nas laterais da porta principal, uma escadaria pequena até ao acesso da porta, ao fundo e à esquerda outro cruzeiro

em pedra. Descemos por um caminho com o pavimento em muito boas condições. Típicos palheiros com palha de trigo e milho adornam o Caminho, assim como uma torneira com água, com a inscrição 1986 JF (Junta de Freguesia). Uns metros depois da fonte, aparece um pequeno pontão que dá acesso a uma subida de pedra permitindo-nos disfrutar de uma bela paisagem de oliveiras e vinhedos. Continuamos por um caminho de relva. O sol bate-nos de frente, refletindo-se na relva molhada, produzindo um espetáculo de grande beleza. O Caminho, marcado por um muro, continua sobre os vinhedos e campos de milho.

Preocupa-nos uma grande mancha negra no céu que é um claro presságio que muito em breve começará a chover. Subimos ao lado de um velho moinho. Sobre o Caminho uma vinha alta com lindos cachos de uvas grandes, tanto brancas como tintas, estas últimas são de uma variedade muito conhecida na Galiza chamada “trajadura”. Espigueiros típicos, que aqui chamam “cabaços”, feitos com tábuas de madeira e telha a que nós chamamos “del país”. Estes espigueiros servem para guardar o milho e as batatas de produção própria, caseira.

Passamos sobre o rio Labruja por uma ponte chamada “Ponte da Geira”. A ponte só tem um arco e umas guardas em alumínio que a descaracterizam. A água do rio bastante limpa e alguns vestígios do que deveria ser um lavadouro, a sua não utilização demonstra

o progresso dos tempos naquela zona. Ao passar a ponte senti curiosidade em observar de mais perto o respetivo arco e fazer umas fotografias. Então resvaliei na erva molhada e quase parti uma perna, parece-me, graças a Deus ficou só por uma simples entorse, mas simi, bem doloroso, mas estas são as “coisas” do Caminho. Seguimos um percurso em asfalto, deixando à esquerda uma serração, ao fundo da qual se destacam as oliveiras. Começam a cair as primeiras gotas de chuva. Depois de andar uns metros pelo asfalto, de novo o Caminho volta a ser de terra, entre pinheiros e com uma represa no rio Labruja. O som da água a cair da represa coloca uma nota sonora nesta manhã tão silenciosa. Voltamos a vestir os impermeáveis. Este troço é em pedra, por isso lhes chamamos caminhos de carro. Olhamos para o relógio, são oito e cinco, ao lado do Caminho e marcando o mesmo, outra fita-sinal do Caminho de Santiago, deixado pelos peregrinos de Navarra. Seguimos subindo por debaixo de uma vinha (coisa muito frequente em todo o Caminho Português), por um caminho de monte, encontrando outra torneira com água. Subimos até chegar à estrada, casas de lavoura e uma serração que faz limite com a estrada nacional. Caminhamos pela estrada virando à esquerda, mas, surpreendentemente, esta estrada tem uma berma em terra que nos protege dos carros e nos permite andar sem dificuldade. Neste momento deixa de chover,

ainda que não possamos tirar os impermeáveis. O céu começa a limpar-se. Um cruzamento indica Calheiros a 3 Km. Ao nosso lado um curioso muro de pedra construído com grandes pedaços de pedra de quartzo, pouco depois do cruzamento da Capela de S. Pedro. Viramos seguindo a sinalização do Mosteiro do Socorro. No cruzamento outra capelinha com alminhas, que como dizíamos, são bastante frequentes. Estrada com pouca circulação de veículos e zona de abundante vegetação nas bermas da calçada. Notamos que estamos numa zona rural pobre, com casas mais humildes e de pior qualidade. Seguem-se as oliveiras e fazem-nos recordar o Sr. Sousa que em Ponte de Lima nos disse que se fazia azeite na região. Também nos informou que, com os pinhões das pinhas dos pinheiros mansos fazem uma sobremesa para a Noite de Natal. Cruzamo-nos com uma menina que nos cumprimenta atentamente e nós retribuímos.

Outra ponte sobre o rio Labruja, “Ponte dos Arcos”, onde se aprecia que o rio aqui, sim podemos afirmar que as águas são cristalinas, ainda que de cima não conseguimos ver trutas. Começa a sentir-se calor, cruzamo-nos com o autocarro de transportes regulares e o condutor saúda-nos com simpatia, o certo é, que vestidos desta forma, com as capas de chuva, a vieira e o bordão, devemos parecer peregrinos da Idade Média. Ao fundo à direita já se avistam as torres do Santuá-

rio de Nossa Senhora do Socorro. Se o peregrino se sentir com forças pode continuar pela estrada e aproximar-se do Santuário do Socorro onde existe um lugar para acampar e descansar, há bancos e mesas de pedra, que nós, os Amigos do Caminho Português de Pontevedra costumamos aproveitar para comer e descansar neste local, sempre que fazemos a peregrinação desde Ponte de Lima.

Deixamos à nossa direita a Capela de S. Sebastião. São nove menos dez. Cumprimentamos umas senhoras com Bons Dias e respondem-nos com Bom Dia e Bom Caminho de Santiago. Saímos da estrada asfaltada; num bonito canto existe um cruzeiro e uma capela em honra de Nossa Senhora das Neves. Já percorremos desde ponte de Lima uns 9 Kms.

Existe ao lado da capela uma tasca em que podemos comprar água e uns bolinhos de pão, típicos portugueses, que são muito bons. Aproveitamos este lugar para comer uma fruta e descansar, o que nos soube muito bem, é um bom sítio para isso. Retomamos a marcha. Começamos uma pequena subida numa zona totalmente rural, com o Caminho empedrado e coberto por vinhas, ladeados por carvalhos e oliveiras que compõem a vegetação. Começa a doer-me alguma coisa no pé. Aproveitamos para colher um raminho de oliveira e colocar no bordão e na nossa mochila. No cruzamento em que nos encontramos, seguimos pelo Caminho que segue pela parte de baixo com grande vegetação fazendo com que

seja um trajeto muito bonito. Iniciamos uma subida e podemos ver à direita as torres do Santuário do Socorro. Viramos à esquerda, entre as casas, por uma subida muito íngreme. Estamos na aldeia da Labruja, salientando a sua igreja matriz dedicada a São Cristóvão.

Um senhor diz-nos que por este caminho vamos bem para Santiago, o que nos reconforta, já que o Caminho começa a ser conhecido. No fim da subida encontramos um Caminho de terra e a torre da Igreja Matriz. Paramos um momento para contemplar a maravilhosa vista do vale da Labruja, cheio de oliveiras e vinhedos.

De novo o Caminho é empedrado, entre um muro alto com vinhas e campos de milho. Fomos dar à estrada principal por uma pequena descida e uma casa de pedra com vinha. Avançamos pela estrada, já que nós não seguimos as indicações das setas que assinalam o Caminho, porque pensamos que é uma volta desnecessária. Passamos um pontão em cimento sobre o início do rio Labruja com muito pouca água. O céu está encoberto o que faz com que seja um dia ótimo para caminhar. Ao longe avistamos as montanhas sobre o vale. Retomamos o Caminho de novo empedrado e em subida acentuada, com duas casas e uma vinha a cobri-lo, logo no início. Terminado este troço, entramos num outro de terra podendo contemplar na fachada de uma casa, uma imagem de Santo António, em típicos azulejos portugueses. Outra fonte com a inscrição JF (Junta de

Freguesia)1988. O Caminho continua por baixo de uma vinha de uvas tintas. Alcançamos a estrada que seguimos, iniciando uma subida para o alto da Portela. Optamos por continuar pela estrada, deixando à nossa direita o Caminho, pelo monte, que é o que está sinalizado. Nós queremos fazer outro percurso até Romarigães, já que a via assinalada conhecemos e tem miuta dificuldade, somando ainda maior sofrimento ao meu pé tão dorido. São dez menos dez, começamos a subir protegidos pela sombra dos pinheiros que limitam a calçada. Viramos por um atalho e verifica-se o ditado “Não há atalho sem trabalho”. O bordão ajuda-me muito pois o pé dói-me cada vez mais. Este atalho permitiu pouparmos um Km., mais ou menos, mas a dificuldade foi enorme pois tivemos de ir pelo meio de um campo cheio de alecrim. Daqui do alto avistamos todo o vale com a Igreja da Labruja e as torres do Socorro que se destacam sobre ele. À esquerda as obras da construção da autoestrada de Valença ao Porto que devem estar terminadas para o ano de 1998, coincidindo com a exposição internacional de Lisboa, a Expo’98. Esta subida tão acentuada aconselhamos que não seja feita sob o calor do Sol. Às dez e vinte e cinco chegamos ao Alto da Portela ou das Pedras Finas, o que significa que nos levou trinta e cinco minutos a subida. Um painel anuncia “Albergaria Paredes de Coura”.

BIBLIOGRAFIA E FONTES

- *Itinerários de Ponte de Lima*. António Matos Reis.1973
- *Caminho Português de Santiago de Compostela*. Conde de Aurora. 1965
- *Pelos Caminhos de Santiago*. Carlos Gil. João Rodrigues. 1990
- *Viaje de Napolis a Santiago da Galicia*. Nicola Albani. Paolo Caucci. 1993
- *Historia Compostelana*. Enma Falque Rey. 1995
- *Pontes romanas de Portugal*. Paulo Mendes Pinto. 1999
- *De Oporto a Santiago por el Camino Português*. Celestino Lores. 1999
- *El Camino Português y la gastronomía*. Celestino Lores. 2004
- *Rio Lima. Memórias de um rio mítico*. Carlos A. Brochado. Município de Ponte de Lima. 2015.
- *Santiago: Os caminhos*. Pedro Orlando Pereira David. 2019
- *Direção-Geral do Património Cultural*. República Portuguesa. Cultura.2021
- *Ponte de Lima cultural*. www.pontedelimacultural.pt
- *Câmara municipal de Ponte de Lima*. https://www.cm-pontedelima.pt/
- *Torres, castillos y fortalezas*: https://miscastillos.blog/2018/05/26/muralhas-de-ponte-de-lima/
- *Xacopedia*: https://xacopedia.com/
- *Catedral de Santiago*: http://www.catedraldesantiago.es/
- *Turismo de Portugal*: https://www.turismoenportugal.org
- *Ponte Romana e Ponte Medieval*. www.visitepontedelima.pt